

FAFE E A GUERRA COLONIAL

EVOCÇÃO DO CINQUENTENÁRIO DO INÍCIO DA GUERRA

1961 – Angola | 1963 – Guiné-Bissau | 1964 – Moçambique

Entre 2011 e 2014 estamos em plena evocção dos **50 anos da Guerra Colonial**, que deflagrou em Angola (1961), depois na Guiné (1963) e finalmente em Moçambique (1964).

A Câmara Municipal de Fafe e um grupo de fafenses que combateu na Guerra em África, ou que se interessa pela sua história, projecta incentivar a evocção do cinquentenário, com um conjunto de iniciativas a levar a efeito entre Abril de 2013 e Abril de 2014, altura em que serão comemorados os 40 anos do 25 de Abril e do termo oficial da Guerra Colonial.

As razões são as seguintes.

1. ENQUADRAMENTO

A *Guerra de África*, Guerra do Ultramar ou Guerra Colonial (designação oficial portuguesa até ao 25 de Abril de 1974), ou, ainda, Guerra de Libertação (designação utilizada pelos movimentos africanos independentistas), desenrolou-se entre 1961 e 1974 em África, em três teatros de operações diferentes: Angola, Guiné e Moçambique.

As Forças Armadas portuguesas travaram acções de combate, também, na Ásia, nomeadamente na Índia e em Timor.

A primeira acção da Guerra Colonial é desencadeada em Angola no dia 4 de Fevereiro de 1961 quando a Frente Nacional de Libertação de Angola ataca a cadeia de Luanda matando sete polícias, seguindo-se a Guiné em 1963 quando o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), liderado por Amílcar Cabral, ataca o quartel de Tite, a Sul de Bissau, junto ao rio Corubal e, por último, em Moçambique, onde as primeiras acções violentas se desencadeiam a 21 de Agosto de 1964, na região de Cabo Delgado, da responsabilidade da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), liderada por Eduardo Mondlane.

Estão a decorrer, portanto, os cinquenta anos do início de uma Guerra que entrou pela porta dentro das famílias portuguesas sem ser convidada e que mobilizou durante os 13 anos do conflito cerca de um milhão de jovens. Destes, mais de 8 mil tombaram na frente de combate ou em acidentes, cerca de 120.000 foram feridos, 4 mil ficaram estropiados e estima-se que cerca de 100.000 mil ficaram a sofrer de “Stress Pós Traumático de Guerra”.

Do Concelho de Fafe, de acordo com os dados cedidos pelo Arquivo Geral do Exército, tombaram 40 jovens: 17 em Angola, 12 em Moçambique e 11 na Guiné.

2. OBJECTIVO

Poderemos interrogar-nos, hoje, meio século volvido desde o início dessa “Guerra,” sobre a oportunidade de resgatar, sob o ponto de vista histórico, a memória daqueles que estiveram directamente envolvidos (combatentes e famílias) e se fará sentido chamar, de novo, a comunidade fafense, particularmente os jovens em idade escolar, a reviver e a evocar a memória daqueles que foram obrigados a fazer a guerra, sacrificando, muitos deles, a sua própria vida em nome de Portugal.

Pensamos e acreditamos que esta evocção histórica tem todo o sentido e justifica-se. Acreditamos que o resgate da memória das causas, consequências e incidências vividas

pelos combatentes participantes nesta Guerra é um acto de cidadania e deverá ser uma obrigação das instituições a nível nacional, regional e local.

Disse alguém:

“Só existe uma coisa mais terrível do que uma guerra, fazer de conta que ela nunca aconteceu”.

Será, nesse sentido, que se pretende que a autarquia de Fafe, associada à comunidade escolar, às associações de ex-combatentes e à população em geral, dinamize um conjunto de acções com o objectivo de não fazer esquecer o flagelo dessa guerra e de lutar contra a cultura do esquecimento que se instalou em Portugal após o final da Guerra Colonial contra *“aqueles a quem Portugal tudo exigiu”*.

O General Ramalho Eanes, na altura Presidente da República e também ele ex – combatente, afirmou a propósito da Guerra Colonial: *“Uma guerra inútil, uma guerra injusta e uma guerra evitável”*.

3. ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

Quais as razões que devem estar presentes e que justificam as acções que vamos propor levar a cabo com este projecto de resgate da memória da Guerra Colonial e para o qual deve ser convidada toda a comunidade fafense a participar, particularmente as novas gerações?

Primeiro, porque é dever de todos lutar contra a amnésia colectiva que se instalou em Portugal após o final da Guerra em África.

Depois, para aprendermos com o passado, estudar e recolher ensinamentos para o futuro, numa altura em que ainda está vivo um grande número de combatentes que participaram e fizeram a Guerra.

Finalmente, porque o tema da Guerra Colonial faz parte dos programas escolares no 6.º, 9.º e 12.º ano de escolaridade. Daí, a importância da Escola em envolver as novas gerações de estudantes numa perspectiva pedagógica e de abordagem histórica na qual se analise a Guerra sob o ponto de vista dos dois lados em confronto: o de Portugal e o dos movimentos independentistas que lutaram contra Portugal, em Angola, Guiné e Moçambique.

Esta é uma oportunidade para os jovens, sob o ponto de vista histórico, poderem evocar e reflectir sobre a Guerra Colonial. Será, cremos, de uma riqueza extraordinária este confronto com o passado recente, na medida em que poderão fazê-lo conjuntamente com alguns dos seus familiares, ainda vivos, e que combateram num dos três teatros de operações.

A este propósito e sobre a importância do estudo da história, no passado dia 29 de Outubro, na Fundação Calouste Gulbenkian, o ex-presidente da República e alto-comissário das Nações Unidas para a Aliança das Civilizações, Jorge Sampaio, defendeu na abertura da conferência “Portugal e o Holocausto – Aprender com o Passado, ensinar para o Futuro”, que o ensino da história do século XX é fundamental para a procura de pontos para a resolução de conflitos”. *“O século XX ainda há pouco nos deixou e os seus medos já estão a ser empurrados para a memória espúria. O passado recente é o mais difícil de perceber e nós tratamos o século passado com ligeireza, alertando que o “genocídio” não foi um acidente da história, foi um produto de um estrato social”* (in *Público* de 30.10.12).

Também a Guerra em África, pensamos nós, foi “o produto de um estrato social” dominante no Portugal do após Segunda Guerra Mundial que, não querendo compreender os sinais de mudança dos tempos, tomou uma má decisão política, feita à revelia dos portugueses e de todos os pareceres da comunidade internacional, arrastando este país para uma Guerra sem sentido e para a qual nem sequer estava preparado nem tinha meios técnicos e humanos para a suportar. Só a carne para canhão dos seus jovens.

3.1. – Envolvimento das escolas

O envolvimento dos alunos das escolas, através dos respectivos agrupamentos, pretende-se que tenha um carácter absolutamente pedagógico e concretizável através de:

- 1) Visita à exposição do Museu da Guerra Colonial;
 - 2) Reconstituição da história dos militares mortos na Guerra Colonial (listagem existente);
 - 3) Reconstituição da história dos familiares que estiveram na Guerra de África (recolha de fotografias, documentos e objectos relativos à GC...);
 - Testemunhos dos ex-combatentes (tb. madrinhas de guerra, namoradas, esposas?)
 - Reconstituição de histórias de vida.
- (Segundo forma e materiais a combinar posteriormente)

4. ALGUMAS PROPOSTAS DE ACÇÃO

De entre as múltiplas actividades que é possível desenvolver ao longo deste e do próximo ano (o programa está ainda e estará permanentemente em aberto, para possibilitar o seu enriquecimento), podemos indicar as seguintes:

2013:

- 5/19 Abril – CONFERÊNCIA DE ABERTURA DE ENQUADRAMENTO DA PROBLEMÁTICA DA GUERRA COLONIAL, pelo Coronel Carlos Matos Gomes

- Abertura da exposição “Guerra Colonial – Uma História por contar”
(Museu da Guerra Colonial)

- Exposição/feira de livro sobre o tema

- Junho – Recital de poesia sobre a guerra colonial

- Outubro/Novembro – Curso Livre de História Local, do Núcleo de Artes e Letras de Fafe sobre a temática “Fafe e a Guerra Colonial”

- Novembro – VIII Jornadas do Cinema e Audiovisual – ciclo de cinema sobre a Guerra em África

- Joaquim Furtado (RTP)

- Joaquim Vieira

2014:

- Março? exposição final resultante da pesquisa dos alunos nas freguesias – memória interessante para o futuro

- Março/Abril? V Jornadas Literárias com temas sobre a Guerra Colonial???

- Abril – Edição de uma obra de testemunhos e textos de antigos combatentes de Fafe (*Fafenses na Guerra Colonial, 1961-1974*)

(Autores de Fafe (prosa e/ou poesia): Domingos Gonçalves (3 livros) | Acácio Almeida | Alberto Alves | José Salgado Leite | António Almeida Mattos, etc.)

5. ALGUMAS PARCERIAS

Liderando a Câmara Municipal de Fafe o projecto, avançam-se as possíveis parcerias para este programa a desenvolver entre 2013 e 2014:

- **Associação Portuguesa de Veteranos de Guerra (APVG) – Manuel Ribeiro**
- **Associação dos Rangers**
- **Associação de Comandos**
- **Pára-quedistas**
- **Associação de Deficientes das Forças Armadas (ADFA)**
- **Liga dos Combatentes**
- **Associação 25 de Abril**
- **Associação Nacional de Sargentos**
- **Associação dos Oficiais das Forças Armadas**
- **Associação de Praças**
-

- **Núcleo de Artes e Letras de Fafe**
- **Cineclube de Fafe**
- **Labirinto**
- **Escolas do Concelho**